



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

**ALFREDO GOMES DE FARIA JUNIOR
(depoimento)**

2010

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-172

Entrevistado: Alfredo Gomes de Faria Junior

Nascimento: 22/08/1937

Local da entrevista: CEME-ESEF/UFRGS - Porto Alegre/RS

Entrevistador: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Data da entrevista: 30/09/2010

Transcrição: Letícia Baldasso Moraes

Conferência Fidelidade: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Copidesque e Pesquisa: Marco Antonio Ávila de Carvalho

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 54 minutos

Páginas Digitadas: 13

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

Sumário

Formação inicial; Interesse pela Educação Física; Formação profissional; Pós-Graduação; Atuação profissional; Publicações; Titulação; Relação com a Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Pedagogia; Didática da Educação Física; Formação Profissional; Trabalho com idosos; Gerontologia; Homenagens recebidas.

Porto Alegre, 30 de setembro de 2010. Entrevista com o professor Alfredo Gomes de Faria Junior, a cargo do pesquisador Marco Carvalho, para o Projeto Garimpendo Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.C. – Bom dia professor Alfredo, inicio perguntando para o senhor como foi o início do seu envolvimento com a Educação Física?

A.J. – Eu tinha uma experiência própria em uma série de esportes, em clubes, num lugar que hoje seria considerado uma ONG¹ - na época não era - onde eu fazia judô, mais precisamente jiu-jítsu. Então, ali eu aprendi e me tornei instrutor. Aí que eu percebi que eu deveria fazer alguma coisa relacionada como ensinar atividade física. Eu também tinha experiência com natação e futebol de salão. Eu participei do torneio que lançou o futebol de salão no Rio de Janeiro. Eu era garoto na época e participei das preliminares. Cada jogo das equipes principais tinha uma preliminar. Então, eu participei dessa experiência. Eu resolvi então fazer o exame para a Escola Nacional de Educação Física e Desportos² e passei em primeiro lugar em 1960. Fiz um bom exame de línguas, um exame de francês que foi muito bom. Fiz a Escola e terminei em 1962. Em 1963 eu fiz o Curso de Técnico Esportivo em Natação e Pólo Aquático.

M.C. – E nessa época da sua opção pela Educação Física, como a sua família viu isso? Teve apoio da família?

A.J. – Muito mal. Eu recebi muitas críticas. Minha tia chegou a dizer que eu ia ser juiz de boxe e meu pai não se manifestou. Depois então ele foi vendo que Educação Física era outra coisa e foi mudando a opinião dele. Minha mãe também acompanhou a opinião dele e depois de certo tempo nunca mais falou naquelas críticas que tinham sido feitas.

M.C. – Havia então certo preconceito com cursar Educação Física?

A.J. – Sem dúvida. Não eram só deles, meus pais. Era praticamente da sociedade.

M.C. – A nível nacional então?

A.J. – A nível nacional.

M.C. – Então, o senhor fez Educação Física no Rio de Janeiro em 1960, 1962 e depois da sua graduação...

A.J. – Depois foi uma coisa interessante: eu fiz técnica esportiva, como eu já disse: Nataçãõ e Pólo Aquático, mas eu tinha visto que na Educação Física faltava alguma coisa. Faltava a parte pedagógica. Eu sentia isso, mas não tinha a noção do que exata do que era. Então, eu resolvi fazer pedagogia. Fui fazer pedagogia para complementar a Educação Física, porque eu sentia faltava alguma coisa. Nós não tínhamos prática de ensino, não tínhamos didática. E não sei como nós nos tornamos professores.

M.C. – Seus professores eram militares nessa época ainda?

A.J. – Não, não. Na minha época nós tínhamos uns dois professores que eram militares e os outros todos já eram todos civis.

M.C. – Mas ainda com aquela prática do saber fazer, mais a parte prática do que o pensar, a parte reflexiva?

A.J. – Sim, sim. Aquelas matérias como anatomia, fisiologia e tudo eram uma ligeira noção dada com esquemas no quadro negro. Em anatomia não víamos nenhum cadáver, não tínhamos experiência nenhuma. Decorávamos o que ele passava no quadro e reproduzíamos nas provas.

M.C. – Era reflexo daquilo que o professor estava passando. Mera reprodução.

A.J. – Exatamente. Aí, no curso de pedagogia, eu comecei a me interessar por didática e um pouco menos por prática de ensino. Surgiu uma oportunidade em 1968, que foi escrever um livro de didática de Educação Física. Então, fiz um livro que eu reputo que marcou uma época. Foi um livro que foi adotado por uma série de Escolas de Educação

¹ Organização Não Governamental.

Física, inclusive, eu digo que foi adotado aqui na Federal do Rio Grande do Sul². E foi possível essa experiência porque tínhamos um amigo no Ministério que era o Lamartine Pereira da Costa³. Ele era o responsável por um programa de publicações e ele viu que faltava a didática e a prática de ensino nos currículos de Educação Física e, a partir daí, ele gostou do livro e fez uma edição. Eu não sei quantos exemplares que foram, mas foram mandados para todo o Brasil. Então, foi um sucesso. Eu recebi, na época, permissão para editar o livro em uma editora particular qualquer que me procurasse, porque eles iam editar uma vez só. Depois, em 1969, 1970, o livro foi reeditado pela DIFEL. Era uma editora de um colega meu que estudava na PUC⁴. Ele fazia filosofia, eu fazia pedagogia. Algumas disciplinas nós cursávamos juntos. Então, ele soube disso e publicou pela DIFEL. Eu não sei também quantos exemplares foram. Não recebi nenhum tostão por esse trabalho. E anos mais tarde eu fui a Portugal e, percorrendo livrarias, eu encontrei uma série de livros, dentre eles estava o meu vendido pela DIFEL. Então, eu não sabia que tinha sido importante aquele livro em Portugal e ele tinha editado lá sem que eu soubesse. Encontrei depois o professor Jorge Bento⁵ e ele me disse que ele me conhecia dos livros que eu publicava. Então, daí surgiu uma amizade grande do Bento comigo.

M.C. – E isso tudo a nível de graduação? O senhor tinha se formado...

A.J. – Tinha me formado...

M.C. – Então, era graduado em Educação Física e Pedagogia e lançou esse livro?

A.J. – Isso.

M.C. – E só depois que entrou no mestrado então?

A.J. – Mestrado é depois, muito depois. Porque as coisas se processavam lentamente na época... Não havia cursos de mestrado em Educação Física e eu fui fazer Mestrado em Educação (na PUC/RJ, na Área de Tecnologia Educacional). Então, eles resolveram lançar

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

³ Professor titular da Universidade Gama Filho/RJ.

⁴ Pontifícia Universitária Católica.

⁵ Jorge Olimpio Bento. Diretor da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto/Portugal.

um programa nacional de pós-graduação e resolveram criar os mestrados em Educação Física. Em 1977 eu tinha ido para a Bélgica e fiquei até 1980 fazendo Doutorado em Educação Física, na *Université Libre de Bruxelles*. Fiquei três anos lá. No Brasil eles então estavam organizando umas visitas a núcleos do mundo inteiro. Estiveram em Colônia (Alemanha), me convidaram para ir lá, mas eu não pude sair de Bélgica, então eu não fui na Alemanha. Mas depois fizeram aqui no Brasil as reuniões. Eu participei desse primeiro lançamento das pós-graduações no Brasil que eram três na época: Santa Maria, São Paulo e Rio de Janeiro. Então, procurava-se aproveitar o interesse que havia em procurar um caminho mais científico para a Educação Física.

M.C. – Isso em que época?

A.J. – Foi no primeiro semestre de 1977, antes de eu ir para a Bélgica. Tinha diploma de mestre, porque eu fiz mestrado na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, e eu dei aula em São Paulo sem o título de doutor. Posso dizer que uma das coisas difíceis na época - eu me lembro disso quando aquela menina fez uma pergunta ontem sobre a biblioteca, perguntando como era a biblioteca até 1971 - eu me lembro que em São Paulo dei aula eu, a Fernanda⁶, o Tubino⁷ e o Lamartine. Eu tinha que levar os livros. Eu levei os livros que eu usava no mestrado, uma porção de coisas. Porque a biblioteca da USP⁸ era também uma coisa ridícula. Quando precisávamos comprar livros, porque aqui não tinha nada, íamos para a Argentina que tinha um parque gráfico desenvolvido. A Espanha também tinha um parque industrial de livros extremamente grande, porque vendia para a Argentina e para toda a América Espanhola além da Espanha, é claro. Então, tinha uma produção grande. Eles traduziam muitos livros alemães. Daí esse interesse que eu tinha pelos livros e constituí uma biblioteca que eu tenho até hoje, relativamente boa.

M.C. - E em relação à ESEF/UFRGS⁹, quando o senhor tomou conhecimento aqui da Escola?

⁶ Fernanda Barroso Beltrão. Professora titular da Universidade Castelo Branco/RJ.

⁷ Manoel José Gomes Tubino. Professor Titular da Universidade Castelo Branco/RJ.

⁸ Universidade de São Paulo.

⁹ Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A.J. – Foi uma coisa interessante: eu sei que aqui houve uma influencia muito grande do meu primeiro livro. Houve quase que um debate aqui quando... Eles, na época do nosso amigo Jacintho Targa¹⁰, ainda havia muito daquele Método Francês, aquilo tudo. E eu trouxe coisas novas, outras metodologias. E esse livro então, transformou um pouco a Escola de vocês¹¹. Eu sei disso. Depois, mais tarde, eu lancei um livro sobre formulação de objetivos que eu sei que hoje, até hoje, é uma grande dificuldade que os alunos têm. Eles não formulam objetivos e, considerando a época, eles formulavam objetivos, evidentemente, questões que hoje são discutidas, incluídas nos planejamentos, na época, eram passadas diretas. Por exemplo: questões de gênero. Essas coisas todas eram omitidas e isso era fruto de uma época. Então, não aparecem no meu livro esses detalhes que hoje nós temos.

M.C. – E essa comunicação da ESEF/UFRGS com a do Rio de Janeiro era constante? O que estava acontecendo lá refletia aqui?

A.J. – Aí eu comecei a receber convites para vir para cá fazer palestras, conhecer as pessoas daqui. Foi aí que conheci o Guimarães¹², o Ricardo¹³, o Adroaldo¹⁴, o Camargo Netto, o Belmar de Andrade, o De Rose¹⁵ também. O De Rose foi meu companheiro no doutorado que fazia em Colônia (Alemanha) e depois em avaliações da área pela CAPES¹⁶. Então, tudo isso foi uma parte que eu reputo bem áurea da minha carreira. Você vê que eu estava lá naquela apresentação com os ex-diretores¹⁷ e eu conhecia quase todos eles. Eu conhecia o Alduino¹⁸. O que eu não conhecia direito ali era o “peixinho”¹⁹. O “peixinho” não era diretor na época que eu vinha aqui. Conheci de cumprimentar, de ser apresentado. Agora, foi interessante que, depois dessa época que teve influência dos meus livros aqui,

¹⁰ Jacintho Francisco Targa. Diretor da ESEF de 1945 a 1953 e de 1971 a 1976.

¹¹ Referindo-se a ESEF/UFRGS.

¹² Antonio Carlos Stringhini Guimarães.

¹³ Ricardo Demétrio de Souza Petersen.

¹⁴ Adroaldo Cezar Araújo Gaya.

¹⁵ Eduardo Henrique De Rose.

¹⁶ Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

¹⁷ Referindo-se à Mesa “Memórias da ESEF” realizada no Congresso Internacional das Ciências do Esporte no dia 29 de outubro de 2010. Na mesa estavam os ex-professores da ESEF/UFRGS Jayme Werner dos Reis, Alduino Zílio, Francisco Camargo Netto, Mário César Cassel e o ex-médico da ESEF Belmar de Andrade.

¹⁸ Alduino Zílio.

¹⁹ Jayme Werner dos Reis, conhecido como “Peixinho”.

que eu comecei a me interessar por terceira idade, por idosos, melhor dizendo. Eu sou contra o termo terceira idade. Eu procuro usar idosos. Então, o Adroaldo e o Betão me convidaram várias vezes para vir aqui e eu sempre fazia uma palestra. Aí eu senti que as ideias que eu trazia não influenciavam no programa que vocês hoje têm que era a Diná²⁰ que tomava conta.

M.C. - Então, puxando esse gancho que o senhor comentou, porque estudando a história da ESEF, até os relatos dos professores da época, mostra que realmente faltava alguma coisa para a Educação Física naquela época. E, na nossa Escola, o programa de pós-graduação foi implantado na década de 1980 e realmente os professores começam a sair para outras áreas, para a educação, para a pedagogia para buscar essa outra discussão. Isso aí o senhor vê também no Rio de Janeiro nesse sentido que os professores sentem essa necessidade de sair e já começam a mudar a própria concepção de Educação Física da Escola?

A.J. – Tanto isso é verdade que nós começamos a nos preocupar com a pós-graduação e não tínhamos pós-graduação em Educação Física. Então, eu fiz mestrado em Educação. Não havia possibilidade de fazer em Educação Física. Depois então nós passamos a ir para fora. Eu fui o terceiro a ir para o exterior. O Primeiro foi o Renato Miguel Gaia Brito Cunha²¹, o segundo foi a Fernanda Barroso Beltrão e o terceiro fui eu. Depois o Ministério fez uma leva de professores e mandou-os para o *Peabody College*²² nos Estados Unidos. Então, os dissidentes, vamos chamá-los assim, começaram a escolher a Bélgica – como foi o caso do Manoel Tubino e Alberto Carlos Amadio, professor da Universidade da São Paulo, foi para a Alemanha fazer o doutorado em Biomecânica. E assim sucessivamente. Até que criamos os mestrados aqui e então esse pessoal começou a voltar. Aí ouve outra leva para Portugal. Primeiro, procurando fazer na Universidade Técnica de Lisboa, mas as coisas lá não foram muito bem. Então, depois o pessoal começou a se voltar para a Universidade do Porto. Eu fiz muita propaganda da Universidade de Porto e isso abriu as portas para muitos colegas nossos e de vocês também que estudaram no Porto. Não é que a Universidade Técnica de Lisboa fosse muito ruim. É que eles tinham pouca gente e receberam quantos queriam fazer. Então, foi uma avalanche de estudantes brasileiros para lá e, no fim, não se formavam. Eu estive na Finlândia e, quando fui lá, encontrei uma

²⁰ Diná Pettenuzzo Santiago.

²¹ Provavelmente referindo-se ao professor Renato Brito Cunha.

portuguesa que eu conhecia e perguntei: “O que você está fazendo aqui?” e ela me disse: “Vim aqui encontrar com meu orientador”, que era um português de Lisboa. Então, tinha que ir para o exterior para encontrar, ter uns minutos livres com o orientador dela. Não podia dar certo. Ao passo que a Universidade do Porto começou a fazer um trabalho bem centrado colocando orientadores à disposição dos alunos preparando as instalações e equipamentos para fazer pesquisas. Então, tudo foi mais fácil.

M.C. – E nessa época mesmo que começa a ter essa mudança de concepção da Educação Física, aqui na ESEF da UFRGS pelo menos, tem aquela questão dos testes práticos saírem fora. Então, o aluno não precisa mais fazer os testes práticos para ingressar na Escola. Inclusive, senão me engano, o professor Camargo²³ ontem comentou que esses testes eliminavam muita gente que poderia entrar na Escola. E como é que se davam esses testes lá também no Rio de Janeiro?

A.J. – Era a mesma coisa. Os testes eram rigorosos. Era jogada uma pastilha de cor no fundo da piscina, o estudante tinha que pega, levar, para dizer que tinha domínio da água. No Rio era assim também. Até que houve um movimento e fizeram abolir os testes físicos. Muita gente também deixou de ser aprovada por causa disso. Então, eu vi que lá, um aluno que foi vítima da talidomida e não tinha um braço, mas, igual a um exemplo que o “peixinho” deu aqui, também fez concurso e não passou. Ele deixou de fazer o curso de Educação Física lá na Federal do Rio de Janeiro²⁴. E, nesse ínterim, ele resolveu fazer um exame para a Gama Filho²⁵. E, na Gama Filho, ele foi aprovado. Então, era alguém que podia estar no curso de Educação Física. Ele passou no concurso, se formou em professor, e ele hoje é um dos professores de natação que as crianças adoram.

M.C. – Então, seria uma pessoa que foi restringida no Rio de Janeiro e que poderia hoje não estar atuando na área?

A.J. – Exatamente.

²² Nome sujeito à confirmação.

²³ Francisco Camargo Netto.

²⁴ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

²⁵ Universidade Gama Filho.

M.C. – A sua formação profissional: o senhor se forma na graduação, faz mestrado e doutorado e começa a atuar em que áreas mais ou menos?

A.J. - À medida que eu me formei, eu comecei a trabalhar. Então, eu estudei trabalhando. Eu cheguei a trabalhar em uma escola que era modelo lá, a Escola Guatemala, criada pelo Anísio Teixeira²⁶. Era uma escola primária. Eu trabalhei lá, aproximadamente, quinze anos, dando aula para crianças. E saía de lá, era técnico de natação. Então, tive campeonatos, fui campeão. O clube que eu trabalhava tirava segundo lugar sempre. Quem tirava primeiro lugar era o Fluminense²⁷ e estávamos com 24 anos esperando uma vez de... E o Fluminense tinha a pretensão de completar 25 anos de vitória. E nós então ganhamos do Fluminense e fomos campeões, impedindo que eles se tornassem campeões pela 25ª vez consecutiva. Então, eu trabalhava, depois fiz um concurso escolhendo o Ginásio Estadual Nun'Álvares Pereira, no Estado do Rio de Janeiro. Tudo isso eu estava trabalhando e buscando tempo para fazer os estudos.

M.C. – E depois o senhor começa então a migrar para algumas áreas bem características, pela formação de professores...

A.J. – Sim. Aí eu fui chamado para a Federal do Rio. Trabalhei lá, implantei a didática, a prática de ensino. Quando houve a primeira reforma curricular, em 1962, senão me engano, eu fui convidado pela Maria Lenk²⁸ para dar minha opinião - eu estava fazendo pedagogia -. Eu fui lá para apresentar, reivindicar, a didática e a prática de ensino. Eu me lembro que na época havia uma série de professores famosos da época. Nós tínhamos um professor de São Paulo que chegou e perguntou para a Maria Lenk: “Quem é esse camarada aí?”. Aí ela disse: “É representante dos alunos.” Então, ele teve que ficar quieto. Era o Antônio Boaventura da Silva que todo mundo conhece. Depois que essa lei foi aprovada, fui convidado para ir para UFRJ. Trabalhei lá e aí fui largando aos poucos o meu trabalho na escola primária e no curso médio que era como se chamava na época. Fui assumindo mais a caráter do ensino superior.

M.C. – Hoje então um dos projetos de maior atuação do senhor é com idosos?

²⁶ Anísio Spínola Teixeira.

²⁷ Fluminense Football Club.

A.J. – Sim. Isso foi uma circunstância. Eu quero falar um pouco. Teve essa fase da UFRJ. Abriu concurso para a UFF²⁹ e eu assumi. Mas fiz o concurso e passei para a área de educação. Então, comecei a trabalhar lá e surgiu uma ideia de fazer a prática esportiva universitária. O desporto universitário passou a ser obrigatório. A UFF havia resistido muito tempo de fazer. Chegou um ponto que me chamaram para fazer o projeto. Eu e outros colegas fizemos o projeto, o Reitor aprovou, e nós implantamos o chamado “Núcleo de Educação Física na UFF”. É interessante contar que ele funcionava num lugar onde se fazia xerox. Então era o lugar onde ficava o xerox. Depois nós passamos para o segundo andar do cinema, depois tiveram um departamento e hoje tem um Instituto. O Instituto hoje está desenvolvido. Mas eu então, depois de tantos anos, fui pra UERJ³⁰. Nunca tive dedicação exclusiva. Sempre fui 40 horas e vinte na UERJ. Em 1991 veio o Collor³¹ e eu já podia me aposentar. Aposentei então na UFF e aumentei minha carga para 40 horas na UERJ. Quando estava no doutorado, apreendi que a população belga era uma população idosa. Comecei a me interessar por ler as estatísticas e vi aquele desequilíbrio que havia de jovens e idosos na Bélgica e percebi que aquilo estava começando a acontecer aqui no Brasil. Então, em 1985 - eu já tinha voltado do doutorado, voltei em 1980 - comecei a organizar um trabalho com idosos para suprir essa falta que existia na época. Na época, não existia Universidade Aberta da Terceira Idade que foi um projeto implantado depois daquele projeto que nós criamos lá. Eu saí depois para fazer o pós-doutorado em 1987. Fiz um ano de pós-doutorado na Inglaterra, no Instituto de Educação, na Universidade de Londres. Quando voltei, reforçou mais essa minha ideia de trabalhar com idosos e eu fui, cada vez mais, me afastando da didática e me integrando mais no trabalho com idosos.

M.C. – E esse projeto que o senhor está trabalhando hoje “Idosos em Movimento”³², como é que se construiu?

A.J. – Ele começou na UERJ. Depois nós estávamos percebendo que ficávamos como todos os projetos: tem dinheiro? Faz. Não tem dinheiro? Não faz. Ou então faz no

²⁸ Maria Emma Hulga Lenk Zigler.

²⁹ Universidade Federal Fluminense.

³⁰ Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

³¹ Fernando Collor de Mello, ex-presidente do Brasil (1990-1992).

município, daí mudou o prefeito, você muda de município e faz. Eu achei que isso não era interessante. Meus pais haviam morrido, eu herdei um apartamento pequeno em um prédio comercial na Tijuca, e vendi. Comprei uma casa velha de uma vila operária em um bairro operário de Niterói, o Barreto. Nisso já estava funcionando “Idosos em Movimento - Mantendo a Autonomia” que era um projeto que se originou na UERJ. Eu escrevi quatro livros sobre ele e então, transformei aquela casa em uma casa para idosos. Derrubei paredes, fiz uma porção de reformas, e fiz umas coisas adaptadas para idosos. O banheiro era todo adaptado. Tem a barra para segurar. Tem uma série de coisas ali. E eu transformei quatro cômodos da casa em um salão. Eu desenvolvi ali uma ONG que é ligada ainda ao projeto da UERJ, em concepção filosófica. Criei um Instituto de Educação Gerontológica³³. Porque na UERJ eu também tinha um grupo no mestrado que estudava idosos e, como era mais de educação, faziam um estudo de educação gerontológica. Em Niterói, eu tenho ginástica, dança de salão, mas também tenho português. Tinha muitos idosos que eram analfabetos. Na época do Getúlio³⁴, não interessava para ele tratar de todos dando educação, todos sabendo ler. Então, têm muitos daquela época que são analfabetos. Eu fazia ali um trabalho especial visando a alfabetização. Tínhamos uma novela na Globo³⁵ que era um pouco parecida com “Passione”, que era um grupo de italianos. Então, ficava aquele português misturado com italiano. As pessoas todas assistiam aquilo. Elas quiseram aprender italiano. Então, eu fiz italiano lá.

M.C. – Então, ou seja, além da atividade física, tinha diversas outras atividades para eles. Era um programa multidisciplinar?

A.J. – Era um programa multidisciplinar. Agora, já aposentado na UFF e na UERJ, levei o Projeto “Idosos em Movimento - Mantendo Autonomia” para a Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO) onde estou trabalhando. O Projeto foi incluído como uma linha de pesquisa dentro do Programa de Mestrado em Ciências da Atividade Física. Então, todos os mestrados interessados em idosos e problemas físicos e sociais, estudam aí. Alguns

³² Projeto “Idosos em Movimento - Mantendo a Autonomia (IMMA)”. Criado em 17 de outubro de 1989 pelo professor Faria Junior.

³³ Entidade fundada pelo professor Faria Junior, que teve origem no projeto “Idosos em Movimento - Mantendo a Autonomia – IMMA” e oferece de forma gratuita atividades voltadas para Idosos.

³⁴ Getúlio Dorneles Vargas, ex-presidente do Brasil (1930-1945) (1951-1954).

³⁵ Rede Globo de Televisão.

fazem a pesquisa no Instituto de Educação Gerontológico e outros não. Fazem onde quiser, no Rio³⁶, na UERJ. E nós mantemos contato com a UERJ. O projeto continua na UERJ.

M.C. – E como o senhor vê essa questão da expectativa de vida do Brasil ser cada vez maior? Relatos do IBGE³⁷ que aumenta três anos por década. Já foram realizados alguns estudos sobre a questão da longevidade vir acompanhada também pelo surgimento de novas doenças, e a questão da incapacidade funcional. Como se trabalha nesse sentido?

A.J. – Eu tenho um pouco de medo das estatísticas, porque as estatísticas todas dizem que “em 2025 teremos tantas...”. Isso é coisa feita para a imprensa. O processo de envelhecimento é inegável. Ele existe. Nós estamos com 73,5 anos de idade como expectativa de vida e, à medida que as pessoas estão ficando mais velhas, uma série de doenças vão surgindo. Então, você tem mais hipertensos, pessoas que tem outras doenças que são incapacitantes, tem outras doenças agora que estão surgindo mais nessa faixa de idade que é a doença de Alzheimer, a doença de Parkinson, mas também tem Diabetes. Então, no meu projeto, eu faço o seguinte: todo mundo que vai fazer ginástica ou dança, controla diariamente a pressão arterial. E os diabéticos que, são ainda uns 6%, fazem o controle de glicose também. Se eles têm uma taxa muito alta, eu os afasto naquele dia e eles então têm que procurar o médico para se cuidar. Eu acho que dou sorte, porque eu vivo em uma cidade que tem um cuidado com idosos. É perfeito? Não. Mas tem muita gente que faz atividade física em Niterói. Isso é inegável.

M.C. – Um mercado de trabalho que se abre cada vez mais para nós.

A.J. – Isso. Agora, pela minha experiência na UERJ, acho que só 10% se interessava por trabalhar com idosos. O aluno de Educação Física quer trabalhar com a moça bonita, o rapaz forte, o atleta. Então, ele não se interessa por aquele que tem um corpo decadente. Você tinha a média de 10% que se interessava e lá era campo de estágio. Quem quisesse, ia fazer o estágio no projeto “Idosos em Movimento – Mantendo a Autonomia”.

M.C. – E teve uma procura? O senhor viu um crescimento nesse sentido?

³⁶ Rio de Janeiro.

³⁷ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A.J. – Não. Estabilizou. 10% sempre.

M.C. – E os idosos que procuram esse projeto, o Instituto, cresce cada vez mais? Como é esse aumento?

A.J. - Não cresce. Há uma substituição de idosos. Os mais velhos se afastam, na maioria. Outros permanecem. E aí vem os que têm 63, 65 anos e aí formam novas turmas.

M.C. – Professor, para encerrar essa nossa entrevista: uma breve opinião do senhor sobre o contexto da Educação Física atualmente, os caminhos que ela está percorrendo, o que o senhor acha? Diferenças, semelhanças, com o passado? O que podemos esperar da Educação Física nos próximos anos?

A.J. – Eu acho que a Educação Física hoje, na escola, está muito mal. Os professores não têm estímulo, os diretores não se interessam também e não há instalações adequadas. Mas eu vejo que há um crescimento muito grande das pessoas por fazer atividade física. Aquele projeto que assistimos agora do Programa Segundo Tempo, realmente, é um projeto que impacta as populações jovens, mas que é feito, como o nome diz, em um Segundo Tempo, em um horário contrário das aulas. Então, você vê pessoal andando de *skate*, *surf*, academia, peso, tudo isso. As academias crescem e crescem porque tem pessoas que procuram. Então, você vê muitas vezes um jovem entrando na academia e, esse mesmo jovem, não faz Educação Física na escola. Arruma atestado, faz qualquer coisa e não faz as aulas. Saindo dali, ele vai para a academia. Então, é preciso dar uma sacudida na Educação Física escolar. Incluir novas modalidades. Eu acho que teria que ter *skate*, bicicleta. Tudo isso que não tem, deve ser incluído. Nós tínhamos que levar as experiências das atividades físicas fora da escola, para dentro da escola. Eu vejo também que o pessoal vai crescendo até uns 31 ou 32 anos. Depois pára as atividades físicas e depois volta quando tem 60 anos. Então, nessa faixa de 30 a 60 anos é preciso fazer alguma coisa também. Eu acho que o professor que trabalha na escola, hoje, tem poucos atrativos. Muitas escolas estão em áreas de risco. Os professores então se submetem a isso nessas comunidades e a coisa fica complicada. Uma coisa que eu vi no teu roteiro foram as premiações. Então, a premiação que eu tive que me orgulha muito, foi a que recebi o título de “Doutor Honoris Causa” pela

Universidade do Porto. Isso, para mim, foi uma alegria muito grande. Fui o único professor de Educação Física brasileiro que tem esse título. O Fernando Henrique³⁸, por exemplo, também ganhou da Universidade do Porto. Eu também tive diploma e medalha do mérito esportivo aqui do Brasil e também tive de Portugal. E também recebi uma homenagem da China comunista, vamos dizer assim, também pelos trabalhos em Educação Física.

M.C. – Então professor, gostaria de agradecer essa entrevista depois de um dia bem cheio para o senhor, de bastante ‘cadeira’, digamos assim, [risos] e fica aberto se o senhor quiser fazer um comentário final. Está aberto para o senhor, se quiser comentar.

A.J. – Eu gostaria de ler e, se tiver alguma coisa, eu acrescento. Está bem?

M.C. – Claro. Muito obrigado professor!

[FINAL DO DEPOIMENTO]

³⁸ Fernando Henrique Cardoso, ex-presidente do Brasil (1994-1998) (1998-2002).